

MESTRADO

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Envolvimento Paterno percebido por Jovens Adultas no Período da Adolescência

Beatriz Teresa Pereira e Silva

M

2025



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ENVOLVIMENTO PATERNO PERCEBIDO POR JOVENS ADULTAS NO
PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA**

Beatriz Teresa Pereira e Silva

Outubro, 2025

Dissertação apresentada no âmbito do Mestrado em Psicologia, área de Educação e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *José Albino Lima* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou propriedade industrial.

Agradecimentos

Dirijo estes agradecimentos a todos os que direta e indiretamente participaram dos momentos que precederam a entrega deste hercúleo documento.

Ao meu orientador, Professor Doutor José Albino Lima, por confiar em mim e ter sido o principal apoiante da realização deste trabalho, com toda a sua disponibilidade e boa disposição, que foram um bálsamo nos momentos de maior dúvida, mas também de maior aprendizagem.

Aos meus pais, por serem os provedores deste sonho, incansáveis progenitores, sempre dispostos a ajudar e, principalmente, dispostos a compreender todas as minhas loucuras ao longo de 5 anos de vida académica, não deixando que me faltassem nem 5 euros, quanto mais o conforto de um lar que é Casa para o coração.

Ao meu irmão, porque me irrita solenemente, mas que não ultrapassa o caos do meu processo de escrita desta dissertação. Obrigada por seres o mais novo que tanto me ensina.

Às minhas amigas da faculdade, as melhores que podia ter encontrado. À Soraia, à Laura, à Sofia e à Maria, pelos momentos juntas, pelos jantares surpresa, pelo conforto de um abraço ou de uma simples mensagem. Pelos dramas que já superamos juntas e também pelos momentos mais felizes. É difícil encontrar pessoas que verdadeiramente nos amam pelo que nós somos, mas eu posso dizer que faço parte da pequena fatia de pessoas que o encontrou em vocês.

À ATITUNA, porque me permitiu viver a vida académica como tem que ser vivida, mas sobretudo porque me fez crescer e ganhar toda a garra que tenho hoje, com os poderes da terra e da musicalidade. A vocês, às minhas madrinhas e tantas outras amigas que aqui conheci, fica o agradecimento por tantos momentos e abraços que nunca esquecerei e residem na memória do fim deste ciclo.

A todas as minhas afilhadas, Little, Boba-Lentinha, Cleo, Kruzetta, Joey, Scottex e Cooper, porque são as mais chatas da Academia, mas me fazem mover por algo maior – ser Casa para os momentos em que de mim precisam. Obrigada por me ensinarem a ser aquilo que eu achava que não era capaz.

Ao meu padrinho, o Rúben, que é a Casa que preciso nos momentos menos positivos, que tem o abraço-refúgio mais reconfortante e que é a voz da minha loucura. A ti, que me

ensinaste a “partir tudo sem estragar nada” e a mostrar que “o mundo está aqui para ser virado do avesso por nós”, dedico um pouquinho deste trabalho.

À Beatriz que se tornou mais do que aquilo que eu esperava. Que veio pequenina galinha, com a sua vassoura e foi ficando no meu coração. Por todos os momentos em que aceitou (e aceita) as minhas maiores insanidades, pelas cambalhotas por cima dos problemas, pelas idas à praia de madrugada, pelas mensagens intermináveis, pelo reclamar quase certo, pelos momentos a fazer música juntas, mas sobretudo pelo seu abraço (casa coração laranja). Obrigada por me mostrares que os jogos podem ser mais divertidos se jogados com dois “players”.

Por fim, ao Miguel, o amor calmo, constante e seguro. Desde o “eu faço-te companhia”, ao “não achas que estás a exagerar?”, foi o maior suporte em noites de choradeira, momentos de frustração, mas também nos saltinhos de felicidade e suspiros de alívio. Obrigada por todos os momentos em que não me deixaste desistir, nem me deixaste acreditar no pior que podia acontecer, sempre com as tuas pouquíssimas palavras, mas grandes gestos de amor. Se aqui estás é porque também “és um orgulho”.

Resumo

A relação entre Pai e Filha durante a adolescência assume um papel determinante no desenvolvimento psicossocial das jovens, influenciando dimensões como a identidade, a autoestima e a regulação emocional. Estudos recentes têm evidenciado o Envolvimento do Pai, especialmente em dimensões como o suporte emocional, comunicação e atividades partilhadas (Blickman & Campbell, 2023).

O presente estudo teve como objetivo analisar o Envolvimento Paterno percebido por jovens adultas durante o período da adolescência, bem como identificar quais as formas de envolvimento mais determinantes na percepção de Proximidade Pai-Filha.

A amostra foi composta por 189 jovens adultas portuguesas ($M = 20.73$; $DP = 2.00$). Os resultados revelaram que, globalmente, o Envolvimento Paterno percebido foi positivo ($M = 6.69$; $DP = 2.23$). Relativamente às formas de Envolvimento do Pai, destacam-se o Desejo de Proximidade, o Investimento do Pai e as Expectativas do Pai as dimensões com médias mais elevadas, e a Comunicação a menos valorizada.

Foi testado um possível modelo de Envolvimento Paterno, em que todos os fatores predizem significativamente a Proximidade Pai-Filha, individualmente, com destaque para o Suporte Emocional ($R^2 = .80$) e as Atividades Partilhadas ($R^2 = .75$). Também no modelo múltiplo, apenas o Suporte Emocional ($\beta = .46$, $p < .001$) e as Atividades Partilhadas ($\beta = .36$, $p < .001$) se revelaram preditores significativos.

O estudo contribui para o avanço da investigação sobre a relação Pai-Filha no contexto português, destacando a importância do Apoio Emocional e das Atividades Partilhadas na adolescência.

Palavras-chave: Envolvimento Paterno, Relação Pai-Filha, Adolescência, Proximidade Pai-Filha, Suporte Emocional, Atividades Partilhadas

Abstract

The relationship between fathers and daughters during adolescence plays a crucial role in the psychosocial development of young women, influencing dimensions such as identity, self-esteem, and emotional regulation. Recent studies have shown paternal involvement, particularly in dimensions like emotional support, communication, and shared activities (Blickman & Campbell, 2023).

This study aimed to analyze perceived paternal involvement among young adult women during adolescence and to identify which forms of involvement are most determinant in the perception of father–daughter closeness. The sample consisted of 189 Portuguese young adult women ($M = 20.73$, $SD = 2.00$). Overall, results revealed a positive perception of paternal involvement ($M = 6.69$, $SD = 2.23$). Among the different forms of involvement, Daughter's Desire for Closeness, Father's Investment, and Father's Expectations obtained the highest mean scores, while Communication was the least valued dimension.

A model of paternal involvement was tested, showing that all factors individually predicted Father–Daughter Closeness, with Emotional Support ($R^2 = .80$) and Shared Activities ($R^2 = .75$) emerging as the strongest predictors. In the multiple regression model, only Emotional Support ($\beta = .46$, $p < .001$) and Shared Activities ($\beta = .36$, $p < .001$) remained significant predictors.

This study contributes to advancing research on the father–daughter relationship within the Portuguese context, highlighting the importance of emotional support and shared experiences during adolescence.

Keywords: Paternal involvement, Father–Daughter Relationship, Adolescence, Father–Daughter Closeness, Emotional Support, Shared Activities

Introdução

Quantas vezes não nos deparamos com a seguinte frase: “Mãe é mãe”?

Na nossa sociedade, é bastante frequente atribuímos aos pais diferentes papéis no processo de educação de um filho, sendo que a maioria das vezes, a mãe surge como principal interveniente.

O debate sobre as diferenças de envolvimento parental entre mães e pais na Psicologia, frequentemente, tende para a discussão entre o determinismo do meio e o determinismo biológico, o que não nos permite uma verdadeira compreensão dos fenómenos associados, sendo que ambos se revelam importantes (Lamb et al., 1987).

Assim, muito tem sido explorado acerca dos padrões de parentalidade da díade mãe e pai, bem como as especificidades da maternidade. Contudo, resta ainda pouca investigação acerca das características da relação pai-filhos.

O envolvimento parental na adolescência

O desenvolvimento humano é uma dimensão bastante pertinente neste âmbito de investigação. Erikson (1959, 1982), na sua teoria do desenvolvimento psicossocial, conceptualiza vários estágios do desenvolvimento ao longo da vida. O quinto desses estágios, da “confusão vs identidade” ajuda-nos a identificar uma das fases mais críticas na formação dos seres humanos, a adolescência. A adolescência refere-se ao período de transição da infância para a idade adulta, tipicamente definido entre os 12 e os 18 anos, coincidente com a puberdade (Jaworska & MacQueen, 2015). Esta fase da vida é marcada por comportamentos de risco e reatividade emocional aumentada, além de mudanças sociais como despender maior tempo com colegas e maior autonomia. Erikson (1959, 1982) defende que os adolescentes enfrentam, durante esta fase, um momento de desenvolvimento coerente da identidade pessoal, integrando valores, crenças e papéis sociais, no sentido de alcançar uma identidade estável e a continuação do *self*. Em situações adversas pode ainda dar-se a confusão de identidade, caracterizada pela incerteza sobre quem são, o que valorizam e qual o seu lugar no mundo. Assim se revela a importância deste período desenvolvimental e da influência de fatores externos e internos, decorrentes da socialização e interação com o meio, na construção de um espaço de oportunidades e vulnerabilidades (Jaworska & MacQueen, 2015).

Dahl (2004) explica este período da adolescência com base nas mudanças neurobiológicas ocorridas nos sistemas emocionais e motivacionais que caracterizam o desenvolvimento do cérebro nestas idades. Ainda segundo o mesmo autor, são estas mudanças desenvolvimentais em adolescentes que se associam a tendências de tomada de decisão de risco, à procura de emoções fortes e outras alterações emotivas/motivacionais.

Hamilton et al. (2021) falam da adolescência como uma fase especificamente vulnerável para as raparigas, que experienciam mais stressores interpessoais do que os rapazes e correm um risco mais substancial de incorrer em sofrimento psicológico durante este período desenvolvimental. Aliás, algumas revisões da literatura indicam que crianças privadas de uma relação parental positiva terão maior risco de desenvolver problemas como abuso de substâncias, delinquência e depressão ao longo da vida (Blankenhorn, 1995; Hetherington & Stanley-Hagan, 1997).

No entanto, relações positivas e comunicação aberta com os progenitores, especialmente com o pai, parecem estar na base da mitigação dos efeitos negativos da transição desenvolvimental e na promoção de bem-estar (Finan et al., 2018).

O envolvimento paterno com filhas adolescentes

Durante muitos anos o envolvimento do pai foi visto como o principal indicador da qualidade da relação entre pais e filhos/as. A primeira investigação neste âmbito focalizou sobretudo nas formas como o pai se envolve em atividades conjuntas, nomeadamente em brincadeiras, tendencialmente mais físicas e competitivas (StGeorge & Freeman, 2017; Way & Gillman, 2000).

Estudos mais recentes continuam a evidenciar a importância das atividades em conjunto na definição do envolvimento paterno. Barrett & Morman (2013) num estudo com mulheres adultas reportaram que estas sentiram uma maior conexão e proximidade com os pais através da apreciação conjunta de atividades como o desporto.

Blickman & Campbell (2023) enfatizam esta perspetiva de que os pais tanto são bons modelos para as suas filhas quanto ótimos parceiros de atividades, nomeadamente nas áreas recreativas e de lazer, o que contribui para o bem-estar geral das mesmas.

Alguns autores (Lamb et al., 1985, 1987; Pleck, 2010; Blickman & Campbell, 2023) destacam o papel significativo que os pais desempenham no desenvolvimento e bem-estar das

suas filhas, especialmente nos anos transformadores da adolescência. Assim, interessa analisar os modelos sobre a relação já existentes, de forma a perceber quais as dimensões que o caracterizam.

No sentido de caracterizar a relação existente entre as filhas adolescentes e os seus pais, Lamb et al. (1985, 1987) adotam uma perspectiva biopsicossocial para examinar o envolvimento do pai. Os autores argumentam que tanto fatores biológicos quanto fatores sociais influenciam a maneira como os pais interagem com seus filhos. O modelo de Lamb et al. (1985, 1987) conceptualiza três dimensões que caracterizam as formas de envolvimento paterno: (1) a interação, (2) a disponibilidade e (3) a responsabilidade. Este modelo suporta uma estrutura base para a descrição do envolvimento do pai, contudo apresenta algumas limitações relativamente às necessidades específicas das adolescentes e sobre a sua perspectiva da qualidade da relação.

No seguimento desta abordagem, Blickman e Campbell (2023) propõem um modelo que considera novas dimensões nesta relação: biológicas, psicológicas e sociais. As autoras destacam o envolvimento paterno como influenciador da autoestima, do desempenho académico e dos relacionamentos sociais das filhas, bem como sublinham a importância do apoio emocional, da comunicação aberta e do estabelecimento de confiança entre pais e filhas. Segundo os seus resultados, os pais que se envolvem positivamente com as suas filhas ajudam a fomentar um sentimento de segurança e autovalorização, que protege as adolescentes contra comportamentos de risco e promove relacionamentos mais saudáveis na vida adulta. O estudo contempla ainda algumas dimensões que influenciam as relações pai-filha, tais como os fatores culturais, socioeconómicos e individuais das adolescentes.

Nos seguintes tópicos serão abordadas as dimensões-chave identificadas no modelo de Blickman & Campbell (2023) sobre a relação Pai-Filha.

Comunicação. A comunicação pai-filha consiste essencialmente na troca de mensagens verbais e não verbais com o objetivo de alcançar uma relação de confiança e de compreensão (Nydegger & Mitteness, 1991 in Brotherson et al., 2003).

Na relação Pai-Filha a comunicação torna-se importante sobretudo no contexto das atividades partilhadas, desempenhando um papel no aumento da qualidade da relação (Brotherson et al., 2003).

Apoio do Pai à Autonomia. A adolescência é marcada pelas mudanças psicológicas que permitem aos jovens a procura pela sua autonomia. A autonomia é uma necessidade dos

seres humanos e tem fortes associações com o desenvolvimento psicológico e funcional dos indivíduos (Ryan et al. 2016).

Corwyn & Bradley (2016) sugerem que a autonomia suportada pelo pai tem implicações no desenvolvimento dos adolescentes, sobretudo no âmbito das competências sociais e, particularmente, no caso das raparigas.

Vroljik et al. (2020) evidenciou que quando os pais relatam maior apoio à autonomia dos seus filhos, estes demonstram ter menos problemas comportamentais.

Carinho e Apoio Emocional. Segundo a literatura, o apoio emocional é uma dimensão chave na mediação dos comportamentos pró sociais. Lu (2023) salienta a importância do carinho e do apoio emocional dos pais para com os seus filhos como alavanca para o desenvolvimento de estratégias emocionais positivas e comportamentos ajustados, bem como da esperança em relação aos acontecimentos do dia a dia.

Operario et al. (2005) relatam uma relação inversa entre o carinho dos progenitores e o *stress* emocional, representando um maior apoio emocional uma redução do sofrimento dos filhos ou filhas.

Esta dimensão também parece estar relacionada com a criação de bem estar emocional e na base da construção de um vínculo seguro que, no período da adolescência, promove um desenvolvimento da identidade individual das adolescentes baseado na ideia de validação, compreensão e segurança (Pleck, 2010).

Expectativas do Pai. A Literatura recente relativa a este domínio da díade pais-filhos, centra-se sobretudo nas expectativas dos pais relativamente ao sucesso dos filhos, em alguns casos especificamente do pai e de sua filha, mostrando o incentivo deste na busca dos interesses e do sucesso escolar.

Um estudo de Lazarides et al. (2016) demonstra que as altas expectativas dos pais contribuem positivamente para altas expectativas dos e das adolescentes.

Puccia et al. (2021) demonstraram num estudo realizado com raparigas universitárias estudantes de engenharia que o investimento dos pais (altas expectativas) desempenhou um papel importante no seu sucesso académico, num curso considerado exigente por si.

Proximidade e Desejo de Proximidade. A literatura atual tende a explorar esta dimensão da relação entre pais e filhos demonstrando como a proximidade tem implicações positivas para o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Loulou (2023) defende que as

raparigas com relações fortes de proximidade com os seus pais sentem mais conforto em desenvolver as suas tendências comportamentais, por não perceberem risco na resposta dos progenitores aos seus comportamentos. Também Chiang (2024) relata que, quando a base da relação pai-filhos assenta na proximidade, decrescem os indicadores de desregulação emocional dos adolescentes, reportados pelos pais.

Relativamente ao desejo de proximidade, um estudo de Callan & Noller (1986) suporta que os adolescentes, apesar de procurarem independência e maior controlo das suas vidas, desejam proximidade contínua com os membros da sua família, sobretudo com aqueles que desempenham papéis de conforto, segurança e de avaliação positiva do seu esforço, como é o caso dos progenitores ou figuras parentais.

Com base nas anteriores dimensões apresentadas, Blickman e Campbell (2023) delinearam uma proposta de modelo integrado da relação entre Pai e Filha, agregando os vários construtos e tendo em conta a perspetiva particular das filhas adolescentes, após a análise dos resultados do seu estudo. Assim, o novo modelo integra cinco dimensões que permitem compreender a forma como as filhas percecionam a proximidade com o pai durante a adolescência.

A primeira dimensão, Envolvimento do Pai, constitui-se como um fator de ordem superior que agrega quatro subdomínios interdependentes: o Suporte Emocional, o Suporte à Autonomia, a Comunicação e as Atividades Partilhadas. Estes elementos representam a base relacional que, segundo diversos estudos anteriores (e.g., Lamb & Lewis, 2010; Pleck, 2010), é central na qualidade das interações Pai-Filha. No trabalho de Blickman e Campbell (2023), estes quatro fatores revelaram-se os mais determinantes na explicação da Proximidade percebida pela Filha, assumindo-se como preditores positivos e robustos dessa ligação, o que vai ao encontro da evidência de que o apoio emocional, a validação da autonomia e a comunicação aberta são dimensões críticas na adolescência (Amato & Gilbreth, 1999; Rogers et al., 2009). A participação em Atividades Partilhadas reforça igualmente essa ligação, funcionando como um espaço de construção de memórias e de confiança, ao mesmo passo que contribui para a consolidação das restantes dimensões (Finley & Schwartz, 2006).

Em contrapartida, a dimensão relativa às Expectativas do Pai, que contempla regras, exigências académicas, tarefas domésticas e supervisão, apresentou uma associação negativa significativa. Este resultado sugere que a perceção de expectativas excessivas pode enfraquecer o sentimento de Proximidade das filhas, confirmando conclusões anteriores de que práticas

demasiado controladoras ou punitivas tendem a comprometer a qualidade da relação, especialmente na adolescência, em que os jovens procuram a demarcação dos seus progenitores (Smetana, 2011; Steinberg, 2001).

Relativamente ao Investimento do Pai na relação, dimensão que agrega o apoio instrumental e prático, como recursos financeiros ou cuidados quotidianos, e o Desejo de Proximidade da Filha, que se traduz na importância atribuída à compreensão e à ligação afetiva com o Pai, foram encontradas associações positivas, ainda que não significativas no modelo final. Apesar de não surgirem como preditores diretos, estes fatores são reconhecidos na literatura como contributos relevantes para a perceção de disponibilidade e Envolvimento Parental (Fagan et al., 2014; Lamb & Lewis, 2010), reforçando a ideia de que diferentes formas de investimento podem influenciar indiretamente a Proximidade Pai-Filha.

Por fim, a dimensão de Proximidade Percebida pela Filha, surge como variável dependente, refletindo diretamente o grau de satisfação e segurança que as filhas sentem na relação com o seu Pai. Tal como defendem vários autores (Amato & Gilbreth, 1999; Pleck, 2010), esta perceção de Proximidade constitui um indicador central de qualidade da relação e está fortemente associada ao ajustamento psicológico na adolescência.

Desta forma, o modelo proposto por Blickman e Campbell (2023) evidencia que a qualidade da relação Pai-Filha na adolescência se sustenta, sobretudo, na presença de apoio emocional, comunicação aberta e atividades partilhadas, trazendo uma nova perspetiva acerca do Envolvimento do Pai. Ainda assim, este modelo não reflete na totalidade todas as possíveis variáveis que podem implicar a Proximidade percebida pelas Filhas em relação ao Pai no período da adolescência, abrindo espaço para novas questões de investigação.

O presente estudo

Tendo em conta a investigação apresentada, foi possível concluir que ainda existe pouca evidência científica no âmbito do conhecimento acerca da díade Pai-Filha, especialmente na faixa etária da adolescência. Por exemplo, podemos considerar que ainda não existem modelos suficientemente validados que nos permitam identificar com clareza quais as formas de Envolvimento do Pai, durante o referido período de desenvolvimento.

Assim, o principal objetivo deste estudo é contribuir para responder a duas questões de investigação nucleares: (1) qual o grau de Envolvimento Paterno percebido por jovens adultas ao longo da sua adolescência?; (2) quais as formas de Envolvimento Paterno percebidas por jovens adultas ao longo da sua adolescência?.

Para responder a estas questões foi adaptado o modelo de Blickman e Campbell (2023), proposto no seu trabalho “Moving toward an integrated model of the father–daughter relationship during adolescence” (Blickman & Campbell, 2023). Em particular, utilizou-se um conjunto de variáveis identificadas como relevantes para explorar o Envolvimento do Pai com as Filhas adolescentes, nomeadamente Suporte Emocional, a perceção de Proximidade da Filha, o Suporte à Autonomia, a Comunicação Pai-Filha, as Atividades Partilhadas, o Desejo de Proximidade da Filha, o Investimento do Pai e as Expectativas do Pai.

Método

Participantes

No presente estudo participaram 195¹ jovens adultas com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M = 20.73$, $DP = 2.00$). 96.9% das jovens identificaram-se como sendo do género feminino, e as restantes 3.9% identificaram-se como integrando “outro” género. No presente estudo, apenas foram consideradas as participantes que se identificaram com o género “feminino” (189 participantes).

As participantes provêm de vários distritos do país, nomeadamente Porto (66.7%), Aveiro (11.3%), Braga (5.6%), Viana do Castelo (5.6%), Lisboa (3.1%), Setúbal (2.1%), Faro (1.5%), Madeira (1.5%), Açores (1%), Leiria (1%) e Viseu (0.5%). Relativamente ao estado civil dos pais no período da adolescência, 65.6% das participantes indicaram pais casados, 21.5% pais divorciados, 8.7% pais solteiros e 4.1% pais em união de facto. Ainda sobre características das participantes, no que concerne à figura paterna de referência no período da adolescência, a maior parte (95.9%) considerou o pai biológico e as restantes (em igual distribuição de 2.1% para ambas as situações) consideraram padrastos ou outras figuras relevantes, tais como tio, padrinho ou avó/avô.

Instrumentos

A partir do modelo de Blickman e Campbell (2023), para o presente estudo foram adaptados para português os itens originais utilizados pelas autoras na sua pesquisa de 2023 – “the Father–Daughter Relationship Scale (FDRS)”. A escala é composta por um conjunto de 46 itens (e.g. “O meu pai esteve envolvido na minha educação.”, “O meu pai proporcionou-me apoio emocional.”), avaliados numa escala de Likert de 10 valores de grau de concordância (0 – Menor Concordância; 10 – Maior Concordância). Da análise da consistência interna da escala, podemos concluir que a mesma apresenta uma boa consistência ($\alpha = .98$).

Relativamente às subescalas presentes na FDRS, as autoras defendem a existência de oito fatores, sendo eles o Suporte Emocional, a perceção de Proximidade da Filha, o Suporte à Autonomia, a Comunicação Pai-Filha, as Atividades Partilhadas, o Desejo de Proximidade da Filha, o Investimento do Pai e as Expectativas do Pai.

¹ Na amostra inicial foram eliminados das análises 2 participantes, por não se enquadrarem nos critérios de inclusão. 3.1%.

No que concerne ao fator Suporte Emocional, composto pelos itens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8 (e.g. “O meu pai proporcionou-me apoio emocional”), a subescala apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .94$). Sobre a percepção de Proximidade da Filha, fator composto pelos itens 29, 30 e 31 (e.g. “Eu sentia-me segura na relação com o meu pai”), verificamos também uma boa consistência interna ($\alpha = .96$). Da análise da confiabilidade do fator Suporte à Autonomia, verificou-se também uma boa consistência interna da subescala ($\alpha = .91$), sendo esta constituída pelos itens 7, 9 e 23 (e.g. “O meu pai encorajou-me a tomar as minhas próprias decisões”). Seguindo na análise da consistência interna, relativamente à Comunicação Pai-Filha, o fator apresentou uma boa confiabilidade ($\alpha = .92$), construindo-se com os itens 18, 19, 21, 22 e 24 (e.g. “Senti que o meu pai me ouvia”). Relativamente ao fator Atividades Partilhadas, composto pelos itens 33, 34 e 36 (e.g. “O meu pai e eu fazíamos coisas juntos regularmente”), a subescala apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .88$). O fator Investimento do Pai apresentou igualmente uma boa consistência interna ($\alpha = .92$), referindo-se ao conjunto dos itens 16, 37, 38, 39, 40, 41 e 46 (e.g. “O meu pai apoiava as minhas atividades”). O Desejo de Proximidade da Filha também apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = .85$), sendo a subescala constituída pelos itens 10, 11, 12, 13 e 14 (e.g. “Foi importante para mim que o meu pai acreditasse em mim”). Finalmente, em relação ao fator Expectativas do Pai, este revelou uma consistência interna menos positiva que as restantes subescalas, sendo satisfatória ($\alpha = .77$) e integrando os itens 25, 26, 27, 28, 44 e 45 (e.g. “O meu pai esperava que eu fizesse o meu melhor”).

Procedimento

A recolha de dados foi conduzida através da aplicação de um questionário *online*, difundido através de vários canais de comunicação (email, redes sociais, *newsletters*). O questionário elaborado através da plataforma *Google Forms* apresentou 3 secções: recolha de consentimento informado, caracterização sociodemográfica do participante e escala de avaliação da qualidade da relação Pai-Filha (FDRS). Durante todo o procedimento de aplicação do instrumento, foram garantidas as condições de confidencialidade, não tendo sido solicitada aos participantes nenhuma informação de identificação pessoal.

Os dados foram analisados recorrendo ao software IBM SPSS Statistics (versão 30).

Resultados

Envolvimento do Pai na Adolescência

Inicialmente, procedeu-se à análise global dos resultados da escala (FDRS), convergindo as médias de todos os itens. Assim, podemos concluir que, na globalidade, o Envolvimento do Pai tem um valor médio de 6.69, com um desvio padrão de 2.23. Tendo em conta o resultado obtido, conduzimos dois testes *t* para uma amostra, de forma a confirmar que o valor médio do Envolvimento do Pai difere dos pontos 6 e 7 da escala de resposta. Estes resultados indicaram que a média global da escala é significativamente diferente de 6, $t(188) = 4.25$, $p < .001$, $d = .31$, mas não difere significativamente do ponto 7, $t(188) = -1.92$, $p = .028$, $d = -.14$. Desta análise podemos concluir que o Envolvimento do Pai pode ser considerado positivo, por não ser estatisticamente diferente do descritor semântico correspondente ao ponto 7.

Formas de Envolvimento do Pai no período da adolescência

Como forma de proceder à caracterização das formas de Envolvimento do Pai no período da adolescência, iniciou-se a análise pela média e respetivo desvio padrão de todos os fatores identificados na escala FDRS (Suporte Emocional, Proximidade Pai-Filha, Suporte à Autonomia, Comunicação Pai-Filha, Atividades Partilhadas e Desejo de Proximidade). De acordo com os resultados obtidos (apresentados na tabela 1), verificamos que se destacam o Desejo de Proximidade da Filha ($M = 7.88$, $DP = 2.08$), as Expectativas do Pai ($M = 7.74$, $DP = 1.89$) e o Investimento do Pai ($M = 7.73$, $DP = 2.43$). Por outro lado, destaca-se com a média mais baixa o fator Comunicação ($M = 4.79$, $DP = 1.91$), sugerindo que esta será a dimensão menos valorizada pelas jovens participantes.

Tabela 1 - Médias e desvio padrão dos fatores da escala FDRS (Suporte Emocional, Proximidade Pai-Filha, Suporte à Autonomia, Comunicação Pai-Filha, Atividades Partilhadas e Desejo de Proximidade)

Fator	Média	Desvio Padrão
Desejo de Proximidade	7.88	2.08
Expectativas do Pai	7.74	1.89
Investimento do Pai	7.73	2.43
Atividades Partilhadas	6.37	2.83

Suporte à Autonomia	6.23	2.77
Suporte Emocional	6.02	2.68
Proximidade Pai-Filha	5.92	3.25
Comunicação	4.79	1.91

Em seguida, foi conduzida uma ANOVA Medidas Repetidas por forma a aferir as diferenças entre as médias dos diferentes fatores da escala. Da análise dos resultados, verificamos que a esfericidade foi violada $\chi^2(27) = 306.27$, $p < .001$, pelo que foi utilizada a correção de Greenhouse–Geisser. O efeito principal foi significativo, $F(4,360) = 367.94$, $p < .001$, $\eta^2p = .38$, indicando diferenças entre as médias dos fatores.

Para explorar as diferenças encontradas entre os fatores da escala, foram realizadas comparações das respetivas médias, com a correção de Bonferroni. Os resultados demonstraram que os fatores Desejo de Proximidade ($M = 7.88$, $DP = 2.08$), Investimento do Pai ($M = 7.73$, $DP = 2.43$, $p = .351$) e Expectativas do Pai ($M = 7.74$, $DP = 1.89$, $p = .964$) não apresentam médias significativamente diferentes entre si. Para além disso, os fatores Suporte Emocional ($M = 6.02$, $DP = 2.68$), Proximidade Pai-Filha ($M = 5.92$, $DP = 3.25$) e Suporte à Autonomia ($M = 6.23$, $DP = 2.77$) também não apresentam diferenças significativas entre as suas médias. O fator Comunicação ($M = 4.79$, $DP = 1.91$) apresenta-se como o único que difere significativamente de todos os outros.

Tabela 2 - *Diferenças de médias entre fatores (Suporte Emocional, Proximidade Pai-Filha, Suporte à Autonomia, Comunicação Pai-Filha, Atividades Partilhadas e Desejo de Proximidade)*

Fator (I)	Fator (J)	Diferença de médias (I – J)	Sig.
1 - Suporte Emocional	2	.10	.357
	3	-.21	.023
	4	1.24	<.001
	5	-.34	.004
	6	-1.86	<.001
	7	-1.71	<.001
	8	-1.72	<.001
2 - Proximidade	1	-.10	.357
	3	-.31	.017

	4	1.14	<.001
	5	-.44	<.001
	6	-1.96	<.001
	7	-1.81	<.001
	8	-1.82	<.001
3 - Suporte à Autonomia	1	.21	.023
	2	.31	.017
	4	1.45	<.001
	5	-.13	.310
	6	-1.65	<.001
	7	-1.50	<.001
	8	-1.51	<.001
4 - Comunicação	1	-1.24	<.001
	2	-1.14	<.001
	3	-1.45	<.001
	5	-1.58	<.001
	6	-3.09	<.001
	7	-2.95	<.001
	8	-2.95	<.001
5 - Atividades Partilhadas	1	.34	.004
	2	.44	<.001
	3	.13	.310
	4	1.58	<.001
	6	-1.52	<.001
	7	-1.37	<.001
	8	-1.37	<.001
6 - Desejo de Proximidade	1	1.86	<.001
	2	1.96	<.001
	3	1.65	<.001
	4	3.09	<.001
	5	1.52	<.001
	7	.15	.351
	8	.14	.316

7 - Investimento do Pai	1	1.71	<.001
	2	1.81	<.001
	3	1.50	<.001
	4	2.95	<.001
	5	1.37	<.001
	6	-.15	.351
	8	-.01	.964
8 - Expectativas do Pai	1	1.72	<.001
	2	1.82	<.001
	3	1.51	<.001
	4	2.95	<.001
	5	1.37	<.001
	6	-.14	.316
	7	.01	.964

Em seguida, procedeu-se à análise descritiva dos resultados do teste, analisando as médias obtidas em cada item. Relativamente às respostas dos participantes, destacou-se o item “O meu pai garantia as minhas necessidades básicas” com média de 8.95 e desvio padrão de .16, revelando-se o item com maior grau de concordância entre os participantes. Para além deste, também outros itens manifestaram elevado grau de concordância, tais como “O meu pai esperava que eu fizesse o meu melhor” ($M = 8.63$, $DP = .15$) e “O meu pai investiu no meu futuro” ($M = 8.46$, $DP = .18$). Por outro lado, alguns dos itens com menor grau de concordância entre os participantes foram “Eu falava com o meu pai quando estava chateada” ($M = 4.16$, $DP = .23$), “O meu pai partilhou os seus sentimentos comigo” ($M = 4.34$, $DP = .22$) e “Eu estive confortável em pedir conselhos ao meu pai” ($M = 4.73$, $DP = .24$).

Tabela 3 - Médias e desvio padrão dos itens da escala FDRS.

Item	Média	Desvio Padrão
37 - O meu pai garantia as minhas necessidades básicas.	8.95	2.23
27 - O meu pai esperava que eu fizesse o meu melhor.	8.63	2.09
16 - O meu pai investiu no meu futuro.	8,6	2,3
38 - O meu pai dava-me dinheiro para as minhas despesas.	8.3	2.83

12 - Foi importante para mim que o meu pai acreditasse em mim.	8.17	2.56
11 - Foi importante para mim que o meu pai me compreendesse.	7.95	2.63
10 - Foi importante para mim que o meu pai se preocupasse comigo.	7.93	2.60
26 - O meu pai esperava que eu ajudasse nas tarefas de casa.	7.88	2.64
28 - O meu pai tinha expectativas altas a meu respeito.	7.87	2.57
43 - O meu pai controlava o meu quotidiano.	7.85	2.87
14 - Foi importante para mim que o meu pai me ouvisse.	7.81	2.67
13 - Eu gostaria de ter falado mais abertamente com o meu pai.	7.54	2.71
41 - O meu pai protegia-me do mal.	7.53	3.24
45 - O meu pai esteve envolvido na minha educação.	7.49	3.18
5 - O meu pai acreditava em mim.	7.45	2.76
39 - O meu pai apoiava as minhas atividades.	7.44	3.09
44 - O meu pai mostrou interesse no meu progresso académico.	7.41	3.04
33 - Eu gostava de estar com o meu pai.	7.41	2.77
7 - O meu pai encorajou-me a tomar as minhas próprias decisões.	7.39	2.87
25 - O meu pai tinha regras que esperava que eu seguisse.	7.15	2.93
32 - Eu gostava de partilhar novas experiências com o meu pai.	7.09	2.99
15 - O meu pai confiou em mim enquanto membro da família.	7.04	2.88
40 - O meu pai ajudava a cuidar de mim.	6.93	3.30
17 - O meu pai mostrava interesse em ser um exemplo para mim.	6.89	3.13
8 - O meu pai parecia orgulhoso das coisas que eu fiz.	6.87	2.99
42 - O meu pai mostrava interesse em passar tempo comigo.	6.67	3.26
46 - O meu pai ensinou-me a ser uma boa cidadã.	6.51	3.19
31 - Eu sentia-me segura na relação com o meu pai.	6.37	3.44
34 - O meu pai arranjava tempo para mim.	6.34	3.27
35 - O meu pai dava-me atenção quando eu precisava.	6.04	3.35
29 - Sentia-me próxima do meu pai.	5.98	3.25
1 - O meu pai valorizou e respeitou os meus sentimentos e emoções.	5.93	2.85
23 - O meu pai ouvia as minhas ideias e opiniões.	5.91	3.05
4 - O meu pai foi paciente e compreensivo comigo.	5.81	3.00
21 - Senti que o meu pai me ouvia.	5.58	3.06
3 - O meu pai proporcionou-me apoio emocional.	5.53	3.34
30 - Eu estava satisfeita com a relação que eu e o meu pai tínhamos.	5.42	3.47

9 - O meu pai tentou compreender a forma como eu via as coisas.	5.40	3.12
36 - O meu pai e eu fazíamos coisas juntos regularmente.	5.34	3.34
2 - O meu pai disse-me o quanto me amava.	5.33	3.51
6 - O meu pai evitou dizer coisas que pudessem magoar-me.	5.24	3.18
20 - Senti que não podia falar com o meu pai.	4.86	3.27
24 - Eu e o meu pai conseguíamos resolver os problemas quando discordávamos.	4.77	3.19
19 - Eu estive confortável em pedir conselhos ao meu pai.	4.73	3.26
18 - O meu pai partilhou os seus sentimentos comigo.	4.34	3.05
22 - Eu falava com o meu pai quando estava chateada.	4.16	3.13

No seguimento desta análise, foram conduzidas diversas correlações, por forma a aferir quais relações entre fatores são significativas. Os resultados demonstraram que todos os fatores se correlacionam significativamente, como se ilustra na tabela 4.

Tabela 4 - Correlações entre os fatores Suporte Emocional, Proximidade Pai-Filha, Suporte à Autonomia, Comunicação Pai-Filha, Atividades Partilhadas e Desejo de Proximidade.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Suporte Emocional	-	.89**	.89**	.82**	.83**	.56**	.79**	.57**
2. Proximidade Pai-Filha	.89**	-	.84**	.82**	.87**	.58**	.80**	.60**
3. Suporte à Autonomia	.89**	.84**	-	.82**	.80**	.51**	.78**	.55**
4. Comunicação	.82**	.82**	.82**	-	.80**	.53**	.69**	.51**
5. Atividades Partilhadas	.83**	.87**	.80**	.80**	-	.58**	.77**	.55**
6. Desejo de Proximidade	.56**	.58**	.51**	.53**	.58**	-	.54**	.52**
7. Investimento do Pai	.79**	.80**	.78**	.69**	.77**	.54**	-	.71**
8. Expectativas do Pai	.57**	.60**	.55**	.51**	.55**	.52**	.71**	-

Seguindo o modelo fatorial proposto por Blickman & Campbell (2023), foram também conduzidas várias regressões lineares para aferir as propriedades preditoras dos fatores Suporte Emocional, Suporte à Autonomia, Comunicação, Atividades Partilhadas, Desejo de Proximidade, Investimento do Pai e Expectativas do Pai sobre a percepção de Proximidade entre Pai e Filha. Assim, foi conduzida uma regressão linear simples com o Suporte Emocional como variável independente e a Proximidade Pai-Filha como variável dependente. O modelo demonstrou-se significativo, $F(1, 187) = 732.87$, $p < .001$, explicando 80% da variância ($R^2 = .80$). O Suporte Emocional prediz positivamente a pProximidade entre Pai e Filha, $\beta = .89$, $t(187) = 27.07$, $p < .001$, IC95% [1, 1.16].

Do mesmo modo, foi operacionalizada outra regressão linear simples com o Suporte à Autonomia como variável independente. Os resultados obtidos demonstraram um modelo significativo, $F(1, 187) = 446.49$, $p < .001$, explicando 71% da variância ($R^2 = .71$). O Suporte à Autonomia revelou predizer positivamente a Proximidade entre Pai e Filha, $\beta = .84$, $t(187) = 21.13$, $p < .001$, IC95% [.90, 1.08].

Uma vez mais, recorreu-se a uma regressão linear simples, introduzindo como preditor a Comunicação Pai-Filha. Tal como esperado, modelo revelou-se significativo, $F(1, 187) = 372.83$, $p < .001$, explicando 67% da variância ($R^2 = .67$). Assim, a Comunicação prediz positivamente a Proximidade Pai-Filha, $\beta = .82$, $t(187) = 19.31$, $p < .001$, IC95% [1.25, 1.53].

Adicionalmente, foi conduzida uma regressão linear simples com a dimensão Atividades Partilhadas como variável independente. Mais uma vez, o modelo demonstrou-se significativo, $F(1, 187) = 564.68$, $p < .001$, explicando 75% da variância ($R^2 = .75$). As Atividades Partilhadas predizem positivamente a Proximidade Pai-Filha, $\beta = .87$, $t(187) = 23.76$, $p < .001$, IC95% [.91, 1.08].

Em relação ao fator Investimento do Pai, os resultados da regressão linear revelaram um modelo significativo $F(1, 187) = 330.16$, $p < .001$, explicando 64% da variância ($R^2 = .64$). O Investimento do Pai prediz positivamente a Proximidade Pai-Filha, $\beta = .60$, $t(187) = 18.17$, $p < .001$, IC95% [.53, .66].

A análise, utilizando as Expectativas do Pai enquanto variável independente, revelou um modelo significativo $F(1, 187) = 107.35$, $p < .001$, explicando 36% da variância ($R^2 = .36$). As Expectativas do Pai predizem positivamente a Proximidade Pai-Filha, $\beta = .35$, $t(187) = 10.36$, $p < .001$, IC95% [.28, .42].

Finalmente, sobre o fator Desejo de Proximidade da Filha, os resultados da regressão linear revelaram um modelo significativo $F(1, 187) = 94.31, p < .001$, explicando 34% da variância ($R^2 = .34$). O Desejo de Proximidade da Filha prediz positivamente a Proximidade Pai-Filha, $\beta = .90, t(187) = 9.71, p < .001, IC95\% [.72, 1.09]$.

Procurando aprofundar as características preditoras destes fatores, foi ainda conduzida uma regressão linear múltipla, com o intuito de caracterizar a natureza preditiva das variáveis em estudo sobre a Proximidade Pai-Filha. O modelo revelou-se significativo, $F(4, 184) = 269.90, p < .001$, explicando 85% da variância ($R^2 = .85$). Entre os preditores, o Suporte Emocional ($\beta = .46, p < .001$) e Atividades Partilhadas ($\beta = .36, p < .001$) apresentaram efeitos significativos e positivos, enquanto o Suporte à Autonomia ($\beta = .06, p = ns$), a Comunicação ($\beta = .10, p = ns$), o Desejo de Proximidade ($\beta = .03, p = ns$), o Investimento do Pai ($\beta = .13, p = ns$) e as Expectativas do Pai ($\beta = .09, p = ns$) não se revelaram preditores significativos.

Assim, podemos dizer que a Proximidade Pai-Filha depende sobretudo dos fatores Suporte Emocional e Atividades Partilhadas. Os restantes fatores, embora não significativos para o modelo múltiplo, apresentam contribuições fortes a nível individual, mostrando a sua importância na medição da Proximidade Pai-Filha.

Discussão

Os resultados obtidos nesta investigação permitem refletir sobre a natureza multifacetada do Envolvimento do Pai durante a adolescência e a forma como este influencia a percepção de Proximidade da Filha em relação ao Pai.

Olhando para a globalidade dos resultados, podemos concluir que o Envolvimento do Pai parece ser positivo e relevante na vivência da adolescência, relatada pelas Filhas. Tal como a literatura indica, as Filhas valorizam a qualidade da relação com o Pai, na sua percepção do Envolvimento e da validação paternas, estando assim associada a sentimentos de segurança, valorização pessoal e pertença (Lamb et al., 1985, 1987; Blickman & Campbell, 2023). Desta forma, o presente estudo corrobora a perspetiva sobre a importância atribuída pelas Filhas à relação com o seu Pai, nomeadamente na expressão que o Envolvimento do mesmo poderá ter no seu desenvolvimento.

De um modo geral, os dados confirmam a relevância do modelo integrado proposto por Blickman & Campbell (2023), ao evidenciar que as dimensões de Suporte Emocional, Suporte à Autonomia, Comunicação, Atividades Partilhadas, Desejo de Proximidade da Filha, Investimento do Pai e Expectativas do Pai desempenham papéis significativos na explicação da qualidade da relação entre esta díade. Ainda assim, a análise do peso de cada dimensão na medição da Proximidade Pai-Filha sugere uma hierarquia diferenciada, em que o Suporte Emocional e as Atividades Partilhadas se revelam os preditores mais fortes, enquanto a Comunicação, Suporte à Autonomia, Desejo de Proximidade da Filha, Investimento do Pai e Expectativas do Pai perdem significância quando consideradas em conjunto, ao contrário do que foi encontrado pelas autoras originais.

Este resultado sugere que estas duas dimensões (Suporte Emocional e Atividades Partilhadas) constituem os pilares centrais do Envolvimento Paterno, explicando de forma robusta a percepção de Proximidade das Filhas. O Suporte Emocional reflete a base afetiva da relação, associada à validação, empatia e presença emocional do Pai (Blickman & Campbell, 2023), enquanto as Atividades Partilhadas traduzem o envolvimento comportamental, isto é, o tempo e a disponibilidade dedicados à interação e à partilha de experiências (Blickman & Campbell, 2023). Por outro lado, as restantes dimensões, embora individualmente se tenham revelado preditores significativos nas regressões simples, não apresentaram poder explicativo

adicional no modelo múltiplo. Tal resultado sugere que o seu efeito sobre a Proximidade poderá ser indireto ou partilhado com o do Suporte Emocional e das Atividades Partilhadas.

A importância do Suporte Emocional foi amplamente confirmada, reforçando a literatura que identifica este domínio como central na relação entre Pais e Filhas (Lu, 2023, Pleck, 2010, Operario et al., 2005). O facto de as filhas associarem de forma consistente a presença de apoio emocional à percepção de Proximidade, corrobora a ideia de que a validação, a compreensão e a confiança constituem a base de um vínculo seguro e, consequentemente, uma percepção positiva acerca da relação Pai-Filha (Pleck, 2010). Analisando os itens que compõem este fator, verificamos a importância dada precisamente a estes sentimentos de validação procurados pela filha, por exemplo “O meu pai valorizou e respeitou os meus sentimentos e emoções”, “O meu pai acreditava em mim” e “O meu pai parecia orgulhoso das coisas que eu fiz”.

Paralelamente, a realização de Atividades Partilhadas emergiu como outra dimensão crítica. Tal resultado é consistente com a investigação inicial no âmbito do Envolvimento do Pai, muito vinculado com as atividades conjuntas, nomeadamente nos padrões de interação em brincadeiras, tradicionalmente definidas como mais físicas e competitivas (StGeorge & Freeman, 2017; Way & Gillman, 2000). Vários estudos confirmam este padrão pela conexão e proximidade sentidas através da prática de atividades conjuntas entre Pai e Filha (Barrett and Morman, 2013), o que leva a concluir que esta é uma dimensão crucial na definição do Envolvimento Paterno e na consequente qualidade da relação entre ambos.

Por outro lado, dimensões como a Comunicação e o Suporte à Autonomia revelaram médias mais baixas e perderam significância preditiva no modelo múltiplo. Relativamente à Comunicação, os resultados obtidos neste estudo apontam para uma média mais baixa em relação às restantes dimensões, o que, do ponto de vista semântico, pode ser interpretado como negativo. Contudo, dos resultados das correlações entre fatores, verificamos que a Comunicação apresenta correlações fortes com quase todas as dimensões. Tal resultado parece indicar que a Comunicação será um fator transversal a todas as restantes, mesmo não tendo obtido os melhores resultados do ponto de vista das Filhas. A menor frequência relatada poderá ainda estar relacionada com padrões culturais ou geracionais em que os Pais assumem um papel menos expressivo no domínio emocional (Smetana, 2011).

Quanto ao Suporte à Autonomia, embora este se revele importante para o desenvolvimento das adolescentes (Ryan et al., 2016, Corwyn & Bradley, 2016), os dados sugerem que, para esta amostra, a sua relevância foi secundária face ao Apoio Emocional e às Atividades Partilhadas.

Outro aspeto interessante nos resultados deste estudo prende-se com a importância das Expectativas do Pai. Apesar de a literatura indicar que exigências excessivas podem enfraquecer o sentimento de proximidade (Blickman & Campbell, 2023), neste estudo alguns itens ligados a expectativas (e.g. “O meu pai esperava que eu fizesse o meu melhor”) surgiram entre os mais valorizados pelas participantes. Este resultado sugere que as expectativas podem ser interpretadas pelas Filhas como sinais de Envolvimento e, por isso, valorizadas enquanto fatores no desenvolvimento de uma relação Pai-Filha positiva. Tal ambivalência poderá ajudar a explicar alguns resultados obtidos por Blickman e Campbell (2023) e, nomeadamente sobre a definição do modelo final admitindo a importância das Expectativas do Pai na perceção da relação.

No que respeita ao Desejo de Proximidade, os resultados confirmaram que as filhas atribuem uma elevada importância a este domínio, o qual apresentou uma maior média em relação aos diferentes fatores da escala. Variada literatura anterior a este estudo explica a importância deste fator na perceção sobre a qualidade da relação, com base na construção de um plano seguro de regulação emocional para o desenvolvimento das Filhas (Loulou, 2023; Chiang, 2024; Callan & Noller, 1986). Apesar de os resultados do modelo múltiplo não apresentarem este fator como preditivo da Proximidade Pai-Filha, reforça-se a ideia de que as adolescentes, embora procurem demarcação da sua identidade própria, desejam proximidade contínua com os membros da sua família, nomeadamente o Pai e atribuem elevada importância à mesma (Callan & Noller, 1986). No seguimento dessa linha de pensamento, podemos ainda questionar a relevância da média elevada nesta dimensão por uma outra perspetiva. Analisando os itens que a compõe (e.g. “Foi importante para mim que o meu pai me compreendesse” e “Eu gostaria de ter falado mais abertamente com o meu pai”) podemos verificar que a média elevada não corresponde necessariamente à frequência de comportamentos de Proximidade, mas à importância dos mesmos. Assim, tendo em conta também os resultados relativos aos restantes fatores, parece existir um desejo de maior proximidade do Pai em relação à Filha, com uma comunicação mais aberta, algo que potencialmente não ocorre com a frequência pretendida.

Sobre a estrutura fatorial da escala, importa salientar os resultados obtidos no estudo das correlações entre fatores. A análise das correlações entre as várias dimensões aponta para uma forte correlação entre todos, o que pode levantar questões do ponto de vista da sobreposição conceptual. Este aspeto poderá estar na base da explicação dos resultados obtidos nas regressões simples e múltipla realizadas, em que verificamos um forte contributo preditivo de todos os fatores para a perceção de Proximidade das Filhas, quando avaliados individualmente, mas que não se relacionam da mesma forma no modelo múltiplo.

Apesar dos contributos relevantes deste estudo para a compreensão da relação entre Pai e Filha no período da adolescência, importa reconhecer um conjunto de limitações que condicionam a generalização e a interpretação dos resultados.

Em primeiro lugar, no que concerne à amostra utilizada neste estudo, verificamos que a mesma não pode ser considerada representativa da população portuguesa, estando limitada a sua representatividade geográfica, contextual e cultural, que permita uma interpretação mais alargada dos resultados. Futuras investigações deverão recorrer a amostras mais amplas e diversificadas, com o intuito de desenvolver novos trabalhos que explorem as especificidades do contexto português, bem como identificar possíveis diferenças na estrutura fatorial do modelo de Envolvimento do Pai na adolescência. Adicionalmente, a continuação da investigação neste âmbito com amostras mais abrangentes ou modelos de investigação longitudinal, poderia fomentar a validação de escalas de avaliação da qualidade da relação Pai-Filha, como é o caso da *Father–Daughter Relationship Scale (FDRS)*, utilizada neste estudo, ou fomentar a criação de novos instrumentos e propostas de modelo, um passo fundamental para consolidar a investigação dentro esta temática.

Em segundo lugar, destaca-se a ausência de uma caracterização sociodemográfica da amostra mais aprofundada. No seguimento do supramencionado, a amostra utilizada falha em alguns quesitos de representatividade, nomeadamente pela falta de informação mais detalhada acerca dos participantes que possa permitir um estudo mais aprofundado das questões colocadas. Para além disso, uma amostra mais bem caracterizada poderia ajudar a explicar alguns fenómenos verificados nos resultados obtidos, podendo assim terem sido encontrados padrões contextuais relevantes para a literatura. Fatores como o nível de escolaridade, a nacionalidade, o nível socioeconómico, ou as características familiares (por exemplo, número de irmãos, residência conjunta ou separada, entre outros) poderiam ter oferecido uma compreensão mais profunda das diferenças culturais e contextuais na relação Pai-Filha.

Investigações futuras deverão, portanto, integrar estas variáveis, de modo a explorar possíveis padrões culturais e socioeconômicos que influenciam a percepção de Proximidade e de Envolvimento do Pai em Portugal.

Ainda sobre a amostra e a obtenção dos resultados, destacar a natureza dos dados obtidos. O instrumento utilizado no presente estudo trata-se de uma escala de autorrelato, preenchida por jovens adultas em relação às suas percepções sobre o seu período da adolescência. Como em qualquer estudo em que sejam utilizadas ferramentas de autorrelato é importante salvaguardar que os dados poderão sofrer com o efeito de fenómenos como a Desejabilidade Social ou a Subjetividade de interpretações. Para além disso, sendo um estudo em retrospectiva de um período desenvolvimental já passado, poderá existir ainda alguma influência de Memória Seletiva ou Falsas Memórias. Para ambos os casos, o presente estudo não apresenta forma de controlo sobre estas variáveis, pelo que a leitura dos seus resultados merece cautela na leitura.

Sobre os resultados em si, importa, também, referir que os desvios padrão elevados observados em algumas dimensões da escala sugerem uma dispersão considerável nas respostas, mostrando a existência de diferenças individuais marcadas na forma como as participantes percebem o Envolvimento e a Proximidade com o pai. Tal variabilidade pode refletir diferentes histórias familiares, estilos parentais ou contextos de desenvolvimento, constituindo uma oportunidade relevante para investigação futura. Estudos subsequentes deverão explorar estas diferenças interindividuais e testar modelos explicativos complementares, por exemplo, considerando o papel de variáveis moderadoras ou da influência dos padrões contextuais. Do ponto de vista metodológico poderá ser também importante abordar estas questões com uma abordagem qualitativa, por exemplo através de entrevistas ou *focus groups*.

Por fim, em relação à estrutura fatorial adotada com base no trabalho de Blickman & Campbell (2023), no seguimento da forte correlação entre todos os fatores, poderá estar implicada uma possível multicolinearidade entre estes, indicando uma sobreposição conceptual. Futuras investigações deverão ter em atenção este ponto de forma a delimitar de melhor forma o contributo específico de cada dimensão para a construção de um modelo para o Envolvimento do Pai na adolescência.

Embora identificadas algumas das limitações do presente estudo, importa realçar os contributos desta investigação. Primeiramente, o contributo para o avanço do conhecimento

sobre a relação Pai–Filha, trazendo evidência empírica recente. Este passo é particularmente relevante, dado que a investigação sobre o envolvimento paterno em Portugal permanece escassa e pouco sistematizada, sobretudo a partir da perspectiva das filhas, uma dimensão frequentemente negligenciada nos estudos parentais e privilegiada nesta investigação.

O ponto de partida através da aplicação da escala FDRS, permitiu uma análise estatística preliminar no sentido de testar a estrutura fatorial de um modelo explicativo do Envolvimento do Pai na adolescência que poderá servir de base para a investigação futura.

Para além disso, o presente estudo produziu evidência sobre as dimensões mais determinantes do Envolvimento do Pai na adolescência, nomeadamente o Suporte Emocional e as Atividades Partilhadas no papel de preditores centrais na perceção da Proximidade Pai-Filha. Os resultados deste estudo reforçam o papel central da qualidade emocional e da presença do Pai na qualidade da relação e na construção de um vínculo seguro entre Pai e Filha. Assim, destaca-se a importância do Envolvimento do Pai e o seu impacto duradouro na vida de jovens adultas. Com esta investigação reforça-se a importância de promover práticas parentais mais afetivas e participativas, no sentido de basear nestes resultados intervenções familiares, educativas e terapêuticas que fomentem o papel do Pai no crescimento das Filhas.

Referências bibliográficas

- Amato, P. R., & Gilbreth, J. G. (1999). *Nonresident fathers and children's well-being: A meta-analysis*. *Journal of Marriage and Family*, 61(3), 557–573.
- Barrett, E. L., & Morman, M. T. (2013). Turning points of closeness in the father/daughter relationship. *Human Communication*, 15(4), 241–259.
- Blankenhorn, D. (1995). *Fatherless America: Confronting our most urgent social problem*. New York: Basic Book.
- Blickman, R. S., & Campbell, C. G. (2023). Moving toward an integrated model of the father–daughter relationship during adolescence. *Family Relations*, 72(5), 2664–2678. <https://doi.org/10.1111/fare.12787>
- Brotherson, S. E., Yamamoto, T., & Acock, A. C. (2003). Connection and communication in father-child relationships and adolescent child well-being. *Fathering*, 1(3), 191.
- Callan, V. J., & Noller, P. (1986). Perceptions of communicative relationships in families with adolescents. *Journal of Marriage and the Family*, 813-820.
- Chiang, S. C. (2024). Dynamic characteristics of parent–adolescent closeness: Associations with emotion dysregulation 12 months later. *Family Process*. <https://doi.org/10.1111/famp.12978>
- Corwyn, R. F., & Bradley, R. H. (2016). Fathers' autonomy support and social competence of sons and daughters. *Merrill-Palmer Quarterly*, 62(4), 359–387. <https://doi.org/10.13110/merrpalmquar1982.62.4.0359>
- Dahl, R. E., & Spear, L. P. (Eds.). (2004). *Adolescent brain development: Vulnerabilities and opportunities*. New York Academy of Sciences.
- Erikson, E.H. (1959). *Identity and the life cycle*. New York
- Erikson, E.H. (1982). *The Life Cycle Completed*. New York
- Fagan, J., Day, R. D., Lamb, M. E., & Cabrera, N. (2014). *Should researchers conceptualize differently the dimensions of parenting for fathers and mothers? Recommended conceptual distinctions and applications to research*. *Journal of Family Theory & Review*, 6(2), 155–171.

- Finan, L. J., McCauley Ohannessian, C., & Gordon, M. S. (2018). Trajectories of depressive symptoms from adolescence to emerging adulthood: The influence of parents, peers, and siblings. *Developmental Psychology*, 54(8), 1555–1567. <https://doi.org/10.1037/dev0000543>
- Finley, G. E., & Schwartz, J. (2006). *Differences in the relationship of father involvement and adolescent well-being by gender*. *Journal of Family Issues*, 27(2), 269–285.
- Hamilton, J. L., Do, Q. B., Choukas-Bradley, S., Ladouceur, C. D., & Silk, J. S. (2021). Where it hurts the most: Peer interactions on social media and in person are differentially associated with emotional reactivity and sustained affect among adolescent girls. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 49(2), 155–167. <https://doi.org/10.1007/s10802-020-00725-5>
- Hetherington, E.M., & Stanley-Hagan, M.M. (1997). The effects of divorce on fathers and their children. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 191–211). New York: Wiley.
- Jaworska, N., & MacQueen, G. (2015). Adolescence as a unique developmental period. *Journal of Psychiatry & Neuroscience*, 40(5), 291–293. <https://doi.org/10.1503/jpn.150268>
- Jeries-Loulou, L. J. (2023). The relationship between impulsiveness and indirect aggression among Arab female adolescents in Israel: The mediating role of affiliation with delinquent peers and moderating role of closeness to parents. *American journal of orthopsychiatry*.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). *The development and significance of father-child relationships in two-parent families*. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 94–153). John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883–894.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp. 111–142). Aldine Publishing Co.

- Lazarides, R., Viljaranta, J., Aunola, K., Pesu, L., & Nurmi, J. E. (2016). The role of parental expectations and students' motivational profiles for educational aspirations. *Learning and Individual Differences*, 51, 29-36.
- Lu, C. (2023). The relationship between parental emotional warmth and rural adolescents' hope: The sequential mediating role of perceived social support and prosocial behavior. *The Journal of Genetic Psychology*, 184(4), 260-273.
- Nydegger, R. V., & Mitteness, L. S. (1991). *Father-adolescent daughter interaction and communication: A developmental perspective*. *Journal of Adolescent Research*, 6(3), 308-324.
- Operario, D., Tschann, J., Flores, E., & Bridges, M. (2006). Brief report: Associations of parental warmth, peer support, and gender with adolescent emotional distress. *Journal of adolescence*, 29(2), 299-305.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58-93). John Wiley & Sons Inc..
- Puccia, E., Martin, J. P., Smith, C. A., Kersaint, G., Campbell-Montalvo, R., Wao, H., ... & MacDonald, G. (2021). The influence of expressive and instrumental social capital from parents on women and underrepresented minority students' declaration and persistence in engineering majors. *International Journal of STEM Education*, 8, 1-15.
- Rogers, A. A., Buchanan, C. M., & Holmbeck, G. N. (2009). *Parenting styles and adolescent adjustment: longitudinal relations among conflict, cohesion, and supportiveness*. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(5), 612-625.
- Ryan, R. M., Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2016). Autonomy and autonomy disturbances in self-development and psychopathology: research on motivation, attachment, and clinical process. In D. Cicchetti (Ed.), *Developmental psychopathology* (3rd ed., pp. 385-438). London, England: Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781119125556.devpsy109>
- Smetana, J. G. (2011). *Adolescents' social reasoning and the parent-adolescent relationship*. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology* (Vol. 1, pp. 638-667). John Wiley & Sons.

- Steinberg, L. (2001). *We know some things: Parent–adolescent relationships in retrospect and prospect*. *Journal of Research on Adolescence*, 11(1), 1–19.
- StGeorge, J., & Freeman, E. (2017). Measurement of father–child rough-and-tumble play and its relations to child behavior. *Infant Mental Health Journal*, 38(6), 709–725. <https://doi.org/10.1002/imhj.21676>
- Vrolijk, P., Van Lissa, C. J., Branje, S. J., Meeus, W. H., & Keizer, R. (2020). Longitudinal linkages between father and mother autonomy support and adolescent problem behaviors: Between-family differences and within-family effects. *Journal of youth and adolescence*, 49(11), 2372-2387.
- Way, N., & Gillman, D. A. (2000). Early adolescent girls' perceptions of their relationships with their fathers: A qualitative investigation. *The Journal of Early Adolescence*, 20(3), 309–331. <https://doi.org/10.1177/0272431600020003003>

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

